



O modelo americano

e outros ensaios

AURORA
BERNARDINI

1ª. Edição
2022



MADAMU

Copyright © 2022 Editora Madamu

Editores

Marcelo Toledo e Valéria Toledo

Ilustrações de capa e miolo

Graça Arnús

Impresso no Brasil.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

*Todos os direitos reservados à Editora Madamu
Rua Terenas, 66, conjunto 6, Alto da Mooca, São Paulo, SP
CEP 03128-010 – Fone: (11) 2966 8497
www.madamu.com.br
E-mail: leitor@madamu.com.br*

B523m Bernardini, Aurora Fornoni (1941-)

O modelo americano e outros ensaios / Aurora Bernardini. Ilustrações de Graça Arnús. – 1ª. ed.. - São Paulo: Editora Madamu, 2022.

224 p., 14 x 21cm
ISBN 978-65-86224-26-9

1. Literatura. 2. Análise e Crítica. 3. Ensaio. I. Título. II. Autor.

CDD: 808.84

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura. 2. Análise e Crítica. 3. Ensaio. I. Título. II. Autor.

Índice

<i>Apresentação</i>	7
O modelo americano.	11
James Joyce e a Música de Câmara	41
Merejkóvski e Valery no rastro de Leonardo	49
Do concreto ao abstrato em Grande Sertão: Veredas. . .	59
Umberto Saba: cartas sobre a psicanálise.	71
Dante, Virgílio e a psicanálise.	87
Dante e a Divina Comédia: história, poética e crítica . .	97
O acaso na arte: breves anotações de Sócrates a nossos dias	131
Literatura e filosofia.	143
O arquiposódio do mito do fogo (Grupo Jê).	159
Minhas aulas com Antonio Candido	179
Literatura como redenção: sobre a filosofia de Richard Rorty (1931- 2007)	203
<i>Índice Remissivo</i>	209

Apresentação

“O fato de alguém ler muitos livros, diz Harold Bloom (citado por Rorty a partir de *How to Read and Why*), leva-o a ter consciência de muitas possíveis alternativas (*alternative purposes*), e o que importa desse processo é que esse alguém se torna um *self* autônomo... Só quem lê livros para saber quais alternativas poderia ter é um intelectual: outros há que os leem por distração, lazer ou entretenimento, mas apenas o intelectual busca neles o que Rorty chama de ‘redenção’ – um conjunto de crenças que finalmente coroará o nosso processo de reflexão sobre o que fazer de nós mesmos”.

É com tal espírito que o leitor deve se aproximar desta obra. Esta coletânea parte, como sugere o título, de uma ideia de “modelo” que se desdobra em muitas. Modelo de escolher (“Meu tipo inesquecível” das *Seleções do Reader’s Digest*), modelo de fazer (Dante e Virgílio, Leonardo e Valéry, Francis Bacon e Robert Creeley, Joyce e Guimarães Rosa), modelo de interpretar (Antonio Candido, Umberto Saba, Richard Rorty, Antonio Candido, Indígenas do grupo Jê). Esses são alguns dos protagonistas de cada um dos ensaios, reunidos aqui por sua impor-

tância e originalidade, na expectativa de interessar, surpreender e/ou orientar tanto os estudiosos quanto os leitores leigos. Ou apenas, simplesmente, para tornar a mostrar que a arte, aplicada a tantas disciplinas e – em particular – à literatura, é capaz de apontar caminhos novos ou inusitados que convergem para a construção (ou a reconstrução) do *Self* de cada um de nós.

A autora destes ensaios, Aurora Fornoni Bernardini, é professora titular da USP no Departamento de Línguas Orientais, professora de pós-graduação no Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada e no Departamento “Letra” da FFLCH da USP. Além do Magistério e da Orientação de pós-graduandos, trabalha com tradução (prosa e poesia, a partir do inglês, russo, francês e italiano) e ensaística (além da publicação de livros, colabora com jornais e revistas).

Suas mais recentes publicações: tradução de *4 séculos de novelas italianas* e *O torniquete*, peça de Luigi Pirandello. *Travessias literárias*, coletânea de ensaios publicados pela editora Appris e agora, essa coletânea *O modelo americano e outros ensaios*, pela editora Madamu. Já aprovado para publicação em 2023 está a tradução do romance *Rubé*, de Giuseppe Antonio Borgese, pela editora Nova Alexandria.

ENSAIOS

O modelo americano



ITALO CALVINO abre seu livro de ensaios *Coleção de areia*¹ com o escrito de 1976 “Como era novo o Novo Mundo”, antecipando as comemorações do Descobrimento da América e, ao mesmo tempo, constatando com certo tom nostálgico, ou quem sabe incerto entre passado e futuro: “*nunca o novo corresponde à ideia que nós fazíamos dele*”². Mais ainda, reportando-se a um quadro que se encontra no Louvre, do pintor holandês do séc. XVIII, Franz Jansz Post, que marca o contato entre a pintura paisagista holandesa e natureza brasileira, diz Calvino: “Pelos quadros setecentescos do Brasil de Franz Post ainda perpassa o respiro ansioso da descoberta, a aflição do encontro com algo de indefinido, algo que não entra em nossas expectativas. A primeira observação sugerida pela exposição do Grand Palais³ é que o “*Velho Mundo colhe com mais força as imagens do Novo quando ainda não sabe do que se trata, quando as informações são*

1. *Collezione di sabbia* – Arnoldo Mondadori Editore, Milão, 1990. Existe a tradução (*Coleção de areia*) pela Companhia das Letras, São Paulo, 2010.

2. “diverso da tutto ciò che si era sempre aspettati di trovare come *nuovo*” p. 15, *op. cit.*

3. *op. cit.* p. 21. Calvino escreve este ensaio sob o impacto da exposição *A América vista pela Europa*, organizada no *Grand Palais* de Paris, em 1976. Existe a tradução (*O caminho de San Giovanni*) pela Companhia das Letras, São Paulo, 1993.

raras e parciais, e só a custo se consegue separar a realidade dos erros e das fantasias”. (Grifos nossos)

A imagem que se faz do novo mundo e o fato de esta observação coincidir com a convicção mais abrangente de Calvino de que a memória *atualizada* é menos forte que a memória imaginada, reiterada em seus livros de crítica⁴, nos leva imediatamente a outra obra de ensaios, dessa vez de Umberto Eco, Gian Paolo Ceserani e Beniamino Placido: *A redescoberta da América*⁵ que, dando um salto no tempo, se aproxima da data de nosso objeto, o qual pretende caracterizar certa ideia que se fazia dos Estados Unidos da América do Norte entre os anos 40 e 50, em particular no Brasil, via leitura das edições desse período da então popularíssima revista *Seleções*⁶.

“Começemos pelos romances.” Diz-nos no seu ensaio *A invenção da América* Beniamino Placido, que além de produtor de programas culturais para a TV italiana é colaborador do mais prestigioso jornal da península, *La Repubblica*. “Esta é uma história que deveras todos conhecem. Os que a viveram, porque a viveram, os que não a viveram, porque ouviram-na

4. Temos em mente aqui, entre outros, particularmente, *Una pietra sopra*, Einaudi, 1980, e *La strada di S. Giovanni*, Einaudi, 1990. Existe a tradução do primeiro (*Assunto encerrado*) pela Companhia das Letras, 2009.

5. Laterza, Bari, 1984. Os textos de Eco, Ceserani e Placido são respectivamente os seguintes: *O modelo americano*; *Uma América marcada “target”* e *A invenção da América*.

6. Valemo-nos aqui de uma coleção da referida publicação, gentilmente cedida para a nossa pesquisa pelo colecionador Luri Lútski, que abrange o período de 1941 a 1951, onde focalizamos a série denominada *Meu tipo inesquecível*. Após o início da década de 60 o interesse pela revista declinou no Brasil (embora muito mais reduzida em número de páginas, ela continua existindo ainda hoje). A consciência nacionalista daqueles anos repudiava em *Seleções* os artigos políticos ideologicamente marcados, mas isso coincidiu com uma mudança na política cultural exterior americana que repercutiu em *Seleções* e levou, entre outras coisas, ao fechamento para o público em geral da Biblioteca do *United States Information Service*, que em São Paulo tivera sede primeiro no Largo S. Francisco e depois no Conjunto Nacional.

contar mais de mil vezes, pelos pais, pelos professores, pelos colegas: a história dos romances de Steinbeck e de Caldwell (e nós acrescentaríamos outros, como os de A. J. Cronin, Pearl S. Buck etc., cujos textos serão vistos a seguir) – que agora nos parecem mediocrezinhos, mas que então nos apareciam belíssimos, ou ao menos importantíssimos (...).”

Ao perguntar a um conhecido não particularmente refinado, nem particularmente versado em literatura o porquê desse interesse tão grande nos anos cinquenta por romances e romancistas que, convenhamos, um pouco medíocres eram mesmo, Placido ouviu a seguinte resposta: “O senhor se lembra de como começava *As Vinhas da Ira* de Steinbeck?” [este era o nome do romance mais famoso do escritor americano]. E o interlocutor de Placido continuava: “Pois fique o senhor sabendo que na literatura italiana daquela época não havia caminhões. Se um ou outro teimava em aparecer, jamais se falava em cano de escapamento. Se algum cano de escapamento havia, nunca era para se dizer que soltava fumaça”⁷.

Placido foi conferir no livro, publicado pela primeira vez em tradução italiana pela Bompiani, em 1941, e lá encontrou: “Um enorme caminhão vermelho tinha parado diante da venda de secos e molhados, em pleno campo. O cano de escapamento resmungava em surdina, soltando um véu quase invisível de

7. A simplicidade, a “materialidade”, a concretude, totalmente ausentes no fragmentarismo e no hermetismo de então, na Itália, eram particularmente valorizadas pelos leitores. A respeito deste romance, Placido lembra uma paródia que saiu publicada num jornal humorístico da época, – não recorda se *Bertoldo* ou *Travaso*: Em Oklahoma ou por ali diz o pai camponês ao filho: “Você levou a vaca ao touro?”. “Levei, sim senhor”. “E você fez tudo direito?” “Fiz, sim senhor, mas pior do que teria feito o touro”; “Em sua despuorida aproximação” – comenta Placido – “essa paródia grosseira revela, porém, a carnalidade, a fiscalidade plena, por vezes grotesca, por vezes dóida, que se lia no romance americano”. No texto de Steinbeck relacionado (Dez. 49: *O pai*) podem se assinalar alguns trechos, também significativos nesse sentido.

fumaça azulada. Era um caminhão novo em folha e a tinta vermelha brilhava ao sol, e nas laterais trazia escrito em letras garrafais OKLAHOMA CITY TRANSPORT CENTER”. Vermelho, interpreta Placido, é o contrário de negro, o negro do Fascismo, que em 41 ainda persistia na Itália. Bebida, comida, cano de escapamento e fumaça. Todas as coisas das quais não se falava, no Fascismo. Mas ali estamos em Oklahoma, e estamos no meio de coisas concretas, sentimos o cheiro de cavalos, de feno, de pólvora, de tiros, do oeste e finalmente... de liberdade.

Mas isso abrirá o caminho para o cinema, considerado na época como uma espécie de “literatura popular” e para a propaganda “centrada no produto”, explica Ceserani – um dos mais importantes publicitários italianos – e que se verá mais adiante.

I – O modelo americano de *Meu tipo inesquecível*

Dito isso, vejamos as leituras que nos propusemos fazer dos textos dos escritores que aparecem em *Seleções*, como autores da seção *Meu tipo inesquecível*, textos esses, conforme se sabe, “condensados” como *Reader’s Digests*, e por nós pesquisados numa coleção da revista, cujos números vão de 1942 a 1951.

De cada texto será apresentada a “re-condensação”, mas serão citadas literalmente certas passagens (grifadas), com características linguísticas e de conteúdo que as fazem confluir para a criação de certa “imagem” propiciada pela revista, que será analisada em seguida segundo dois tipos de leitura: 1. *ingênua* ou literal (dada pela leitura “ao pé da letra” da citação em si) e 2. *não ingênua* ou crítica, segundo a denominação de Beniamino

Placido, na obra citada, ou *atualizada*, entre passado e futuro, conforme a caracterização já mencionada de Italo Calvino.

Embora os textos de *Meu tipo inesquecível*, mesmo os de escritores, não possuam valor artístico tão somente pelo fato de, originariamente, já serem “condensações” e sua tradução não ser “literária”, mas de certa forma estandardizada (*et pour cause* não será feita nenhuma análise formal), o intuito muitas vezes formativo-propagandístico da revista torna bastante conspícua a imagem que procuramos configurar, composta por uma série de características que serão ressaltadas.

1. “O homem comum e a desigualdade entre os homens”:

Dezembro, 1949

O pai por John Steinbeck

“Tinha sete anos e era muito orgulhoso – o que quer que isso signifique. Os cabelos cresciam-lhe espetados para a frente, como topete de pônei, e quando ele estava cansado, um dos olhos se desviava um nadinha – menos, porém, do que há um ano.

Passara o tempo em que tinha de subir para seu quarto, sentindo a opressão de um ambiente que o magoava.

(...) Em casa agora estava bem. Na rua é que se sentia mal. Os garotos tinham começado onde o horror da casa acabara.

(...) quando Alvin dobrava a esquina, a dois quarteirões de distância, podia pressenti-lo, e um calafrio lhe arrepiava a pele. Alvin não dizia nada. Nenhum dos garotos dizia coisa alguma; mas *aquilo* estava em seus olhos, no olhar com que miravam, olhar que o mortificava com uma *pungente sensação de vergonha*

culposa. A princípio fugira e evitara a companhia dos outros; mas nem sempre era possível fugir, e ademais, sentia-se muito só.

(...) *Estava ele, aquele dia, sentado como de costume na saliência do rodapé da fachada a ver os táxis e a meninada, os velocípedes e os carrinhos de bebê, as amas e os garotos maiores atirando bolas de tênis uns nos outros, de um lado para o outro da rua, por cima do tráfego. Súbito, um deles – Alvin ou qualquer outro, não importa qual – gritou: “Onde está seu pai?”*

O que devia ter respondido era: “Está viajando”. Mas não o fez. A pergunta atingiu-o como um soco na boca do estômago. Pelo menos foi assim que a sentiu. Sabia que aquilo era pura crueldade. Os garotos não queriam perguntar; queriam era dizer aquilo, para humilhá-lo e feri-lo. Esta era a intenção.

Era verdade, sim que seu pai estivera fora de casa, viajando centenas de vezes – mas não desta vez. Sabia disso, e subitamente compreendeu que todos eles também sabiam. (...) Apanhado de surpresa, mentiu: “Meu pai está em casa”.

(...) Um dos meninos mais crescidos interrompeu, por um instante, o gesto de lançar a bola de tênis do outro lado da rua e disse:

“Está maluco. Eles estão divorciados”.

(...) *E a coisa horrível continuava ali, estagnada, apodrecendo dentro dele. Quando só, podia esquecê-la; mas não quando os garotos olhavam para ele, nem quando desviavam o olhar.*

(...) *Naquele dia, sentou-se na saliência do rodapé da fachada e pôs-se a bater no chão com os saltos, daquele jeito que estraga os sapatos, coisa que não se deve fazer. Ficou a olhar para os táxis que passavam.*

(...) De repente uma sensação esquisita – uma sensação estranha, explosiva, no peito. Algo apenas pressentido havia cau-

sado isso. Olhou rápido para a direita e era verdade. O pai tinha dobrado a esquina e caminhava apressado para ele, a gingar, como era seu jeito.

(...) “*Ele está aqui! Vocês querem vê-lo?*”

Leitura 1.

A *minúcia*, a “*terrestridade*”, a *cotidianeidade* que havia (justamente) encontrado em *As vinhas da ira* o interlocutor de Placido, são visíveis aqui (em lugar do caminhão, aparece o táxi como abertura e como fecho do conto). Mas também é visível uma característica que se insere como um dos primeiros “tijolos” da “tradição americana” não por nada os portadores desse anseio são meninos, neste e no último (de Sherwood Anderson, *q.v.*) dos contos relacionados: *o não querer ser diferente dos demais; o desejar ser um homem comum.*

Isso, por sinal, coincide com o “desafio sobre o qual se edificou a América” (Placido: 101): o respeito pelo homem comum. Em literatura, entre os primeiros, temos Walt Whitman (cf. Apêndice: setembro, 1943), que lhe teceu loas no seu clássico *Leaves of Grass*⁸.

Leitura 2.

Hoje, recorrendo ainda ao texto de Placido, sabemos que esse anseio por ser um “homem comum” não é tão comum assim. Ou melhor, o que diferencia basicamente os homens, se-

8. Francis Otto Matthiesen em seu *Renascimento Americano* (apud Placido: 113), reconstituindo o período americano entre 1850 e 1855, situa Whitman ao lado de Melville, Hawthorne, Emerson, e Thoreau, como um dos autores de uma das cinco obras primas que estruturam a literatura americana.